



# A CAÇADA POR KIARRA

SBD

# SINOPSE

Kiarra sempre foge de seus problemas, de seus sentimentos, de si mesma. Então ela corre direto para os braços do misterioso e sexy Aidan Gold. Kiarra não tem certeza se quer arrancar a cabeça de Aidan ou deixá-lo rasgar sua roupa. De qualquer forma, Kiarra logo descobre que Aidan tem um grande segredo macabro, e agora as suas garras estão de fora.

Classificação etária: **18 +**

Autor Original: Tacha

## Livro sem Revisão

E-book Produzido por: [Galatea Livros](#) e [SBD](#)  
<https://t.me/GalateaLivros>



**Livro Disponibilizado Gratuitamente! Proibida a Venda**

# SUMÁRIO

1. Lanchonete do Marlin
2. A Mulher na Foto
3. Bar do Sam
4. O Apartamento
5. Gatinha
6. Vômito de Palavras
7. Alma Gêmea
8. Nômade
9. Docinho
10. Sem Vontade
11. Fúria
12. Me Morde
13. Frágil Como um Pêssego
14. Erros
15. Veado
16. Ela
17. Corra!
18. Minha
19. Molhada Pt. 1
20. Molhada Pt. 2
21. Maldita
22. Aidan
23. Animal
24. Mordida
25. Marca

26. A Camiseta Dele
27. Amor À Primeira Vista, Pt. 1
28. Amor À Primeira Vista, Pt. 2
29. Luna
30. Frágil
31. Torneirinha
32. Derek
33. Passado
34. Nosso Quarto
35. Dominante
36. Necessidade
37. Chuveiro
38. A Casa da Alcateia
39. Bebezinho
40. Século 21
41. Lar
42. Veto
43. Glorioso
44. Conversa Pt. 1
45. Conversa Pt. 2
46. Passeio
47. Relaxe
48. Noções Básicas
49. Trabalho
50. Errado
51. Forasteiros
52. Respire

- [53. Tatuagem](#)
- [54. Cinco](#)
- [55. Compromisso](#)
- [56. Comando](#)
- [57. Raiva](#)
- [58. Filhotes](#)
- [59. Milkshake](#)
- [60. Confie](#)
- [61. Sua](#)
- [62. Estranho](#)
- [63. Plano](#)
- [64. Dor](#)
- [65. Medo](#)
- [66. Em Branco](#)
- [67. Pureza](#)
- [68. Rápido](#)
- [69. Kiarra](#)
- [70. Não](#)
- [71. Garras](#)
- [72. Sonhando pt. 1](#)
- [73. Sonhando pt. 2](#)
- [74. Sobrevivente](#)
- [75. Ótima](#)
- [76. Calma](#)
- [77. Por Favor](#)
- [78. Loba Má](#)
- [79. Do Que Eu Gosto](#)

8o. Olá

# CAPÍTULO 1

## LANCHONETE DO MARLIN

KIARRA

— Belle!!!

A voz estridente do meu chefe ecoou pela lanchonete, bem no momento em que eu servia uma caneca de café para clientes regulares.

— Ihh, alguém está em apuros, — Joe riu enquanto eu revirava os olhos.

— Quem sabe. Joe, talvez ele finalmente tenha percebido que meu nome é a alternativa perfeita para palavrões. — Encolhi os ombros e dei uma piscadela para o homem de meia-idade, antes de voltar para a cozinha.

— Ah, ele sabe disso desde que te contratou, querida. Não o ouço dizer ‘porra’ há um mês. Mas esse seu sobrenome parece ser a nova palavra favorita dele, — eu o escutei rindo atrás de mim.

Como uma boa moça, mostrei-lhe o dedo do meio sem me virar e continuei a caminhar em direção à cozinha, onde sabia que encontraria meu chefe, com rosto vermelho-tomate e vapor visivelmente saindo de suas orelhas.

Eu realmente não me importava, este não era um lugar onde eu pretendia ficar muito mais tempo.

A lanchonete do Marlin, que ficava no limite da cidade, e tinha um máximo de 50 clientes por dia, não era exatamente onde eu planejava realizar meus sonhos de ser garçom em tempo integral recebendo um salário-mínimo.

Como eu suspeitava, encontrei meu velho chefe gordo de pé, com papéis na mão, vermelho como um tomate e fumegante como uma chaleira prestes a assobiar.

— E aí, chefe? — Eu dei a ele um sorriso inocente e nada irônico, já que eu não fazia ideia do que tinha tirado ele do sério dessa vez.

A última vez foi porque eu tinha esquecido de levar o lixo para fora após um turno de 12 horas, e na vez anterior foi porque eu tinha dado um sermão inflamado em um cliente.

Sinto muito, mas se alguém responde ao meu 'precisa de mais alguma coisa, senhor?' com uma resposta nojenta falando pra eu fazer um boquete nele atrás da lanchonete, minha tendência é ficar um pouco agressiva. Me processe, mas pelo menos não o agredi fisicamente.

Então, o que estou dizendo é que meu chefe fica zangado por qualquer coisa. Eu poderia ter esquecido de colocar uma das cinco colheres de açúcar em seu café da manhã e ele se irritaria com isso.

— Explique-me Belle, que porra é essa? — Ele empurrou os pedaços de papel em minhas mãos, e pude ver suas veias saltando em sua testa.

Suspirei e dei uma olhada nos papéis. Eu li as primeiras linhas, olhei de volta para o meu chefe nervoso e revirei os olhos.

— Obviamente, trata-se de uma ação judicial que está sendo movida contra a lanchonete, e daí? — Eu sabia o que viria a seguir e já estava arrumando minhas coisas na minha cabeça, pensando onde seria minha próxima parada.

Talvez eu devesse encontrar uma cidade mais amigável da próxima vez. Esta não foi a pior, mas definitivamente também não foi a melhor em que estive.

— Isso é um processo contra a minha lanchonete porque você decidiu atirar a porra do café quente em um cliente! — Nesse momento, Marlin estava furioso.

Achei mais engraçado do que ameaçador.

Na verdade, achei hilário.

Imagine um tomate andando com cerca de 1 metro e meio de altura, muito redondo, e tão quente e fumegante que a qualquer minuto haveria ketchup por todas as paredes.

Eu ri com esse pensamento. Aposto que seria meu trabalho limpar a bagunça.

— Sim, bem, se você se lembra direito, o cara bateu na minha bunda e

me chamou de gostosa, o que sem dúvida nenhuma é assédio sexual. Se não me engano, você disse ao filho da puta para dar o fora da lanchonete, e me disse que eu não fiz nada de errado. Então. Qual é o problema?

— O problema é essa porra de ação judicial que eu tenho agora contra a lanchonete, Belle! Seu temperamento vai me custar caro! E eu vou me foder! Se você não sentar na frente do júri e contar a todos que o filho da puta basicamente te estuprou, vou me certificar de que você passe o resto de sua vida me pagando.

Eu só tiquei ali parada olhando para o homem baixo e gordo que estava pagando meus cheques no último mês e não senti absolutamente nada, exceto a impaciência para acabar logo com isso.

— Claro Marlin, mas eu preciso voltar para os clientes agora. Ah, e não se esqueça que eu recebo meu pagamento semanal hoje, — eu disse enquanto voltava para o salão da lanchonete.

Não adiantava discutir sobre o que eualaria no tribunal, eu não estaria lá de qualquer maneira. Eu só precisava do meu último pagamento antes de fazer as malas e deixar minha demissão.

O bom de nunca ter ficado em um lugar por muito tempo é que nunca passei dos primeiros dois meses de treinamento no trabalho, então as demissões de última hora não eram um grande problema.

O resto do dia transcorreu como de costume. Alguns clientes aqui e ali.

Quando o relógio finalmente disse que eram oito da noite, fiquei feliz em ver Charlotte entrando pelas portas para assumir o turno noturno.

— O que aconteceu com Martin? — Charlotte estava voltando da cozinha enquanto amarrava seu avental e olhava com divertimento para mim.

— Ah, nada de mais. O pervertido do outro dia entrou com uma ação baseada em nada. Marlin está usando isso para tirar uma grana extra. — Dei de ombros e sorri para ela.

Era verdade que Marlin esperava conseguir algum dinheiro com isso. Ele poderia ter me despedido se não achasse que poderia ganhar o processo e fazer um acordo.

Mas como havia câmeras escondidas na lanchonete, das quais o

perverso obviamente não sabia, Marlin poderia contra-atacar com uma reclamação de assédio sexual.

Porém eu não estaria aqui para depor, então provavelmente tudo seria resolvido sem nenhum tipo de ganho ou gasto para Marlin.

Ele não ficaria muito feliz com isso, mas honestamente, o idiota não deveria tentar usar assédio sexual como um investimento financeiro de forma alguma.

Charlotte franziu a testa por um segundo, então se sacudiu e levantou a cabeça, rindo.

— Entendi. Bem, estou pronta para começar a trabalhar, então pode ir para casa, querida. Durma bem!

E com isso ela pegou a cafeteira e foi até os 3 clientes sentados na lanchonete, perguntando se alguém precisava de um refil.

. Antes de voltar para casa, certifiquei-me de receber meu último pagamento de Marlin, cujo humor havia mudado de fervendo para fermentando, provavelmente pensando no que faria com todo o dinheiro que ele não receberia.

## CAPÍTULO 2

### A MULHER NA FOTO

KIARRA

Saí da lanchonete do Marlin, percorri lentamente meu caminho até o apartamento que aluguei e comecei a empacotar minhas coisas. Bem, empacotar talvez seja exagero, considerando o que eu estava fazendo. Empacotar exigiria caixas e tempo.

Colocar minhas roupas em uma bolsa de ginástica e levar menos de 15 minutos para fazer isso, faz com que a palavra pareça um exagero.

Antes de deixar o pequeno espaço em que morei no último mês, certifiquei-me de que havia pegado o que era importante. Meu medalhão de ouro em forma de coração, pendurado no meu pescoço. Provavelmente era meu bem mais precioso.

Não em termos de valor em dinheiro.

Sinceramente, não acho que ele valha mais do que 20 dólares. Mas o valor é sentimental. É a única coisa que possuo dos meus pais.

Não me lembro de nada sobre eles, uma vez que fui deixada na escadaria de um corpo de bombeiros quando tinha 2 anos, mas dentro do medalhão há uma pequena foto de uma mulher segurando a bebê Kiarra, e olhando para ela com tanto amor e adoração que chega a doer.

O medalhão era a única coisa que eu tinha comigo quando eles me encontraram e, embora meus pais tivessem me abandonado, eu tinha que acreditar que era por um bom motivo.

A mulher na foto se parecia tanto comigo que presumi que fosse minha mãe.

Seus olhos castanhos profundos refletiam os meus, e embora eu tivesse tingido as pontas do meu cabelo castanho escuro de loiro em um estilo ombré, nosso cabelo parecia assustadoramente semelhante também.

Eu tinha herdado os mesmos lábios carnudos bem delineados, mas nossos narizes eram um pouco diferentes. Ela tinha o narizinho fofo que a maioria das garotas invejava, e o meu era apenas, bem, um nariz normal, eu acho.

Ela era deslumbrante, e o amor que ela tinha em seus olhos por aquele bebezinho me fez acreditar que ela não me abandonou de bom grado.

Portanto, sempre valorizei aquele medalhão, afinal ele me fazia acreditar que em algum momento eu tive pais, ou pelo menos uma mãe, que me amava.

Não me lembro muito dos primeiros anos da minha infância, só me lembro de esperar que ela voltasse por mim e, quando isso não aconteceu, torci para que uma família me adotasse.

Isso também nunca aconteceu, mas nenhuma surpresa nisso.

Eu era conhecida por ter um temperamento forte e nenhuma família tinha coragem de aceitar o desafio, então eu saltei de família em família, de cama em cama, até que finalmente fiz 18 anos e ganhei independência.

O medalhão era tudo que restava de meus pais, e nada me faria desistir dele.

Certa vez, uma garota de uma das casas de adoção o encontrou e queria roubá-lo, mas eu não o soltei, nem mesmo quando me levaram de ambulância depois da surra violenta que recebi das outras meninas.

Eu ri um pouco comigo mesma, lembrando disso.

Quando voltei do hospital, acabei cortando os longos cabelos loiros da menina, e posso ou não tê-la empurrado escada abaixo, por acidente, é claro.

Ela nunca mais me olhou nos olhos depois disso, mas ela havia aprendido seu lugar. O que posso dizer, nunca afirmei ser completamente sã.

Depois de verificar se tudo estava na minha bolsa, deixei o apartamento destrancado e as chaves no balcão, para que não tivessem que arrombar a porta quando o aluguel não chegasse na segunda-feira. Eu puxei o capuz da minha jaqueta e comecei a caminhar para a estação de trem. Para onde eu iria desta vez?

Acho que iria depender de quais trens partiriam a esta hora.

Passava um pouco das dez da noite quando cheguei à estação. Olhei para os horários dos trens e tentei decidir aonde ir desta vez enquanto esperava na fila para comprar a passagem.

Ouvi a senhora em minha frente dizer o nome de uma cidade da qual nunca tinha ouvido falar e pensei: por que não?

Então, quando chegou minha vez, repeti o pedido para a vendedora e logo caminhei em direção ao trem que partiria às 22H30.

Pela programação, parecia que a viagem de trem levaria cerca de 4 horas, então eu encontrei um assento confortável, joguei minha bolsa no assento ao meu lado para que as pessoas não tivessem nenhuma ideia brilhante de falar comigo, e inclinei minha cabeça para trás contra a janela, caindo em um sono leve.

— Senhorita, esta é a última parada, você precisa acordar

Fui acordada pelo condutor, que me sacudiu levemente antes de me deixar em paz. Olhei pela janela, mas não vi muito, exceto as luzes da rua do lado de fora iluminando a pequena plataforma.

Fora isso, estava escuro. Fazia sentido, já que eram quase três da manhã.

Peguei minha bolsa e saí do trem. Eu sorri em agradecimento ao condutor, e deixei a plataforma. Eu não tinha absolutamente nenhuma ideia de onde eu estava, mas comecei a andar pelas ruas da cidade. Não parecia uma cidade grande, mas sim uma simpática cidadezinha.

Pelo menos foi essa a vibe que eu tive, andando pela rua olhando as casinhas aconchegantes com suas cercas brancas.

Enquanto eu caminhava pela calçada, o vento pareceu aumentar, e o ar frio do outono me fez estremecer e cruzar os braços com mais força.

Eu precisava encontrar um lugar para ficar, já que estava muito frio para apenas encontrar um banco para deitar.

Continuei andando pelas ruas mal iluminadas procurando por algum lugar. Se não tivesse um motel, pelo menos este lugar deveria ter um bar onde eu pudesse encontrar um pouco de calor e talvez uma bebida, ou dez.

Era sexta-feira à noite, então os jovens adultos desta cidade deviam

ter algum lugar para ir e satisfazer seus hábitos de beber.

Enquanto pensava nisso, comecei a notar a mudança de cenário.

Em vez das pequenas e aconchegantes casas de família, os prédios foram ficando um pouco maiores, mais parecendo apartamentos, e logo eu estava andando por uma rua com lojas de roupas, sapatarias e exatamente o que estava procurando.

Um bar.

Ao que parece, era o único por perto. Tinha uma grande placa vermelha em néon que dizia — Bar do Sam, — e ouvi música vindo da porta aberta da frente.

Suspirei, sentindo-me aliviada por encontrar um pouco de calor na noite fria, e me dirigi para dentro do bar.

# CAPÍTULO 3

## BAR DO SAM

### KIARRA

Assim que entrei no bar, minhas narinas foram imediatamente atingidas pelo cheiro de cerveja e fumaça de cigano.

Para algumas pessoas isso seria nojento, mas eu havia trabalhado em tantos bares nos últimos 6 anos, desde que fiz 18, que quase me senti em casa. Por dentro, parecia muito com qualquer outro bar.

Seu interior escuro estava mal iluminado, e as mesas estavam espalhadas por toda parte com pequenas velas colocadas no centro de cada uma delas.

Havia uma área de jogos de um lado da sala com duas mesas de sinuca, um alvo de dardos pendurado na parede, uma mesa para beer pong e algumas máquinas caça-níqueis.

O bar em si era posicionado ao lado, e era feito em madeira escura. Atrás dele, eles tinham todas as garrafas de bebidas alcoólicas cuidadosamente posicionadas em cima de prateleiras, penduradas em uma parede espelhada.

Os copos brilhavam sem uma única mancha de sujeira e isso fazia com que tudo parecesse surpreendentemente limpo para um bar.

A música estava alta, mas não tão alta que você não pudesse ouvir sua própria conversa, e graças a Deus não havia pista de dança. Isso teria sido um pouco cafona em um bar como este.

No geral, parecia um bar que merecia ser visitado e, pelo movimento, era isso que todos os outros jovens da cidade pensavam.

Quase todos no bar pareciam jovens, provavelmente entre 21 e 26 anos. Alguns pareciam um pouco jovens demais para ir a um bar, mas eu aprendi ao longo dos anos que isso é algo comum em cidades pequenas.

Eles raramente se importavam com a idade legal para beber, já que o barman normalmente os conhecia desde quando usavam fraldas.

O bar estava cheio e a atmosfera fervilhava de vida. Garotos e garotas estavam se divertindo, bebendo, rindo e cantando junto com a letra de — Life is a Highway Eu sorri sutilmente por causa do ambiente agradável e caminhei mais para dentro do bar, pela porta.

O vento decidiu aumentar novamente do lado de fora e soprou forte pela porta, e quase me fazendo tropeçar no caminho através dela.

Eu balancei minha cabeça rindo de mim mesma, pensando em como isso teria parecido ridículo se eu realmente tivesse tropeçado sozinha.

Eu olhei para cima novamente percebendo o silêncio repentino na sala, e encontrei todos os olhos no bar apontados para mim.

Droga, eles nunca viram uma garota entrar sozinha em um bar antes. Jesus, arrumem o que fazer.

Eu dei meu melhor olhar mortal para as pessoas, mas elas continuaram encarando até que um barulho alto de campainha foi ouvido vindo do bar.

Eu olhei na direção do som, assim como todo mundo, e vi um homem de meia-idade, com uma daquelas barbas enormes de homem da montanha que iam até o meio do seu peito largo.

Seus braços eram provavelmente tão grandes quanto minhas coxas, senão maiores, e ele era alto. Talvez um e oitenta de altura.

Para qualquer pessoa, talvez ele fosse terrivelmente assustador de se olhar, mas em um ambiente daqueles era reconfortante tê-lo trabalhando atrás do bar.

O barulho alto soou novamente e eu percebi que ele estava tocando um sino dourado pendurado no teto.

— OK, pessoal, temos um cavalheiro gentil se oferecendo para comprar uma rodada de cerveja para todos esta noite, então a próxima é por conta dele, — o grande homem gritou e pareceu tirar todos de seu transe anterior.

Eles começaram a falar entre si novamente e a maioria parou de olhar para mim, embora eu sentisse que alguns deles estavam tentando um pouco demais não me encarar.

Surpreendentemente, ninguém se levantou e foi ao bar pegar sua cerveja grátis.

Talvez seja uma oferta para a noite toda, então eles não estavam com pressa, mas eu fiz meu caminho em direção a um dos banquinhos no final do bar e enviei um sorriso ao barman.

— Bem, se alguém oferece uma cerveja e me salva de olhares me encarando, dificilmente tenho coragem de recusar.

O barman veio em minha direção com um sorriso gentil e me entregou uma garrafa de cerveja, que eu não tinha ideia que marca era e nem me importava. — Desculpe por isso, senhorita, não estamos acostumados a ver gente nova na cidade. Todo mundo conhece todo mundo, então os jovens aqui ainda não aprenderam boas maneiras, — sua voz não era tão sombria e rouca como eu esperava, mas calma e acolhedora, e eu me peguei sorrindo novamente.

— Sem problemas, eu meio que tropecei nesta cidade e achei que parecia boa o bastante. Embora vocês não tenham placas de sinalização ou motéis. — Eu sorri para ele enquanto tomava um bom gole da cerveja antes de colocá-la de volta no bar. A cerveja gelada fez maravilhas com o meu humor, e o calor do bar já havia aquecido meu corpo depois da minha pequena caminhada.

Senti os olhares nas minhas costas de novo, mas continuei agindo como se isso não me incomodasse.

Nem os olhares, nem a sensação de que todos no bar estavam ouvindo minha conversa com o barman, iriam estragar meu pouco tempo de descanso depois dessa longa viagem.

— Sim, teremos que averiguar isso para o próximo visitante que vier. O meu nome é Sam e este é o meu bar. — Ele me deu um sorriso e fez um gesto em volta do bar com um dos braços enquanto falava.

— Prazer em conhecê-lo, Sam, sou Kiarra Belle. — Eu dei a ele um sorriso e levantei minha cerveja em uma pequena saudação, antes de tomar outro gole e olhar ao redor do bar novamente.

Os outros clientes tinham voltado às suas conversas, mas não haviam mais pessoas cantando felizes, apenas sorrisos tensos e forçados e sussurros baixos enquanto todos eles espreitavam olhando para mim de vez em quando.

Encolhi os ombros e me virei para Sam.

— Diga, Sam, por acaso você não está precisando de um barman? Joguei verde, esperando colher maduro.

Demorou mais quatro cervejas antes de finalmente convencer Sam de que eu estava falando sério sobre o trabalho de barman.

Ele tinha me dado um olhar que dizia claramente que ele não acreditava que uma garota aguentaria ficar atrás do bar lá.

Fiquei muito ofendida com isso. Não seria meu primeiro trabalho de barman, nem mesmo seria meu segundo. Eu tinha trabalhado como barman em várias das cidades em que fiquei, desde que fiz 18 anos.

Sim, eu tecnicamente não tinha permissão para ficar atrás do bar naquela época, mas eu tinha uma identidade falsa decente o bastante para convencer os bares e pubs obscuros onde tinha passado de que eles poderiam contratar a garota que vestia ótimos trapos sem problemas com as autoridades.

Palavras deles, não minhas.

Mas a tarefa mais difícil sempre foi convencer os homens da indústria de que uma mulher conseguia balançar uma garrafa e preparar um coquetel, tão bem e tão rápido quanto um homem.

Eles não se importavam de contratar você pela sua roupa, é claro, com tops pequenos e justos que mostravam tudo, exceto os mamilos. Nojentos, todos eles. Mas era dinheiro fácil, e as gorjetas eram ótimas.

Depois do meu último trabalho de garçoneiro com Marlin, o babaca, eu não estava afim de trabalhar em lanchonetes por um tempo, então ser bartender parecia a melhor opção.

Sam ainda estava relutante, para dizer o mínimo, mas eu o convenci a me deixar mostrar um pouco das minhas habilidades.

Eu estava agora parada atrás do bar, pronta para mostrar a ele como fazer malabarismo com uma ou duas garrafas.

Eu tinha tirado minha jaqueta mais cedo, e felizmente estava vestindo minha calça jeans preta básica, e minha blusinha preta caída, com ombro de fora, então parecia que eu pertencia ao bar.

— Tudo bem. Belle, me mostre o que você sabe fazer. — Sam tinha se posicionado no canto do bar com os braços cruzados, encostado na

parede. Ele parecia alegre, provavelmente pensando em todas as maneiras que eu iria falhar. Eu dei a ele um sorriso cativante e me virei para a tela do computador que estava pendurada na parede, escolhendo minha música. Quando — Pour a Little Sugar on Me — começou a irromper pelo bar, comecei a balançar meus quadris levemente, rindo de mim mesma. Se essa música não te coloca em clima de festa, não podemos ser amigos.

A primeira coisa que fiz foi pegar um dos guardanapos quadrados impressos com o logo de Sam.

Eu o coloquei no topo da minha outra mão, virei a mão e coloquei o guardanapo no balcão. Peguei um dos copos, joguei para o alto, o peguei e o coloquei em cima do guardanapo.

Continuei minha pequena jornada e peguei o copo da coqueteleira, o lancei no ar, o agarrei com minha outra mão e peguei os cubos de gelo.

Assim que os cubos de gelo estavam na coqueteleira, a segurei por cima, balancei algumas vezes, girando sem que os gelos caíssem.

Nessa altura do campeonato eu estava bem ciente de todos os olhares. Ninguém estava mais se escondendo ou disfarçando sua diversão ou curiosidade, e eu não me importei. Eu adorava dar um show e era isso.

Cada rodopio, cada movimento era uma ação bem ensaiada, e esta era a noite de estreia.

Eu olhei para Sam enquanto pegava a tampa da coqueteleira, e não pude evitar a pequena risada que escapou de mim quando fiz um pequeno giro com todo o meu corpo, pegando a vodca no meu caminho de volta.

Sam parecia um pouco surpreso agora. Ele já não estava mais encostado na parede, mas sim em pé, com os braços ao lado do corpo, intrigado.

Ok, Sam, entendi, é preciso mais que isso para fazer seu queixo cair. Pode deixar comigo.

Peguei a garrafa no topo entre meu dedo médio e indicador, girando-a em um círculo completo antes de girá-la novamente, outro semicírculo com sua abertura apontando para a coqueteleira na minha outra mão, despejando cerca de metade do conteúdo que a bebida precisaria.

Enquanto eu dirigia a garrafa de volta para cima, ouvi assobios e elogios em todo o bar, e sorrindo, eu joguei a garrafa no ar, pegando-a com as costas da minha mão, segurando-a parada antes de empurrá-la de volta no ar, pegando-a na minha mão mais uma vez.

Desta vez, ouvi alguns gritos vindos do bar e não pude deixar de rir e balançar meu corpo com a música.

Esse é o clima que eu amo em um bar, tendo a atenção de todos e proporcionando um bom divertimento.

Desta vez, quando olhei para Sam, vi suas sobrancelhas levantadas e olhos completamente vidrados no que eu estava fazendo. Acho que era hora de fazer o movimento final mais chamativo e fazer seu queixo cair.

Agi rápido ao jogar a garrafa no ar, colocando a coqueteleira no meu cotovelo direito, a apertando, pegando a garrafa com a mesma mão e virando-a para que o resto da vodca necessária fosse despejado no recipiente.

Eu estiquei meu braço deixando a coqueteleira cair, mas o peguei com a outra mão.

Fiz mais alguns giros e rotações antes de colocar a vodca de volta na mesa e despejar um pouco de vermute junto com a vodca.

Fiz mais algumas manobras para a multidão, que obviamente estava adorando, antes de agarrar a parte inferior da coqueteleira, onde havia o gelo, unir o líquido a ele e sacudir seu conteúdo um pouco antes de finalmente derramar o líquido através da pequena abertura para que nenhum gelo caísse.

Eu vir ei para Sam com um sorriso e deslizei o coquetel para ele.

— Uma vodca martini, batido, mas não mexido, senhor. — Eu dei a ele uma piscadela brincalhona e simplesmente não pude evitar a risada que se seguiu quando vi a cena que se desenrolava na minha frente. O grande homem tatuado e assustador estava lá, mandíbula basicamente no chão, parecendo que tinha acabado de testemunhar dinossauros andando na terra novamente.

Demorou alguns minutos para se recompor, mas quando o fez, ele balançou a cabeça e começou a rir de forma selvagem.

O bar inteiro se juntou e a sala se encheu de risos, todos tendo

prestado muita atenção a todo o show, e a atmosfera despreocupada de antes de eu entrar no bar havia retomado.

Depois de se acalmar, Sam se aproximou e pegou a bebida, tomando um grande gole antes de se virar para mim.

— Ok. 007, quando você pode começar?

# CAPÍTULO 4

## O APARTAMENTO

KIARRA

Sam e eu rapidamente chegamos a um acordo, e eu teria meu primeiro turno no dia seguinte. Mas, por enquanto, eu estava curtindo o calor do bar e as suas cervejas geladas.

— Então Sam... Existe algum tipo de motel ou alguma hospedagem nessa cidadezinha estranha? Preciso de um lugar para ficar, e não consegui encontrar nenhum no caminho da estação de trem até aqui. — Tomei outro gole de cerveja e olhei em volta do bar novamente, enquanto esperava por uma resposta.

A atmosfera despreocupada se restabeleceu depois do meu malabarismo de antes. Todos voltaram às suas conversas animadas, aos seus jogos divertidos, e à cantoria empolgada a cada música que tocava.

Eu ainda podia sentir os olhares de vez em quando, mas nem se comparava a antes. Sam pareceu pensar antes de responder.

— Não há motéis, mas na verdade tenho um pequeno quarto acima do bar. Eu realmente não o uso. Usei quando eu era solteiro, mas minha esposa não achou apropriado morar lá depois de casar e ter filhos. Eu poderia alugá-lo para você. É como um apartamento acima do bar.

Eu olhei de volta para Sam e levantei minhas sobrancelhas. — Você alugaria para mim. Você não me conhece e me deixaria viver em cima do seu bar, sem nem fazer perguntas?

Não fazia muito sentido. O homem havia acabado de me conhecer, já tinha me dado um emprego e agora queria me deixar morar no bar dele. — Eu sei, estou bastante surpreso também. Mas tenho um bom pressentimento sobre você. Você parece um pouco... Bem, você parece ser uma pessoa inconstante, então eu não ficaria surpreso se você simplesmente se levantasse e fosse embora, um dia. Mas ainda acho que

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Caçada por Kiarra"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).